

A anticomemoração dos caingangues

Índios protestam contra os 500 anos de evangelização

PORTO ALEGRE — Os 15 mil índios caingangues que vivem nas 10 reservas do estado do Rio Grande do Sul pretendem reviver a Festa do Kiki, realizada por seus ancestrais a cada dois anos em homenagem aos mortos. A decisão, uma forma de protestar contra a discriminação, foi tomada em reunião do Coletivo Estadual de Negros e Índios, na Casa dos Capuchinhos, nesta capital. O encontro faz parte da mobilização das duas raças em todo o continente americano, que não querem participar das comemorações dos 500 anos de sua evangelização, programadas pelos governos das Américas e do Caribe e pelo Vaticano para o dia 12 de outubro de 1992.

Nesta data, o papa João Paulo II e o rei da Espanha presidirão uma cerimônia em São Domingo, República Dominicana, para comemorar a chegada de Cristóvão Colombo às Américas e o início dos 500 anos de evan-

gelização das Américas e do Caribe. Réplicas das embarcações usadas por Colombo estão sendo construídas na Europa para repetir o trajeto percorrido pelo descobridor e chegar em outubro de 1992 para a festa em São Domingo. Na reunião do coletivo estadual também ficou acertado que os negros realizarão encontros em suas comunidades para revalorização de sua cultura e de seus cultos e denunciar o racismo e a discriminação que sofrem no Brasil, nas Américas e no Caribe.

Perseguições — Uma das coordenadoras dos Agentes de Pastoral do Negro da Igreja Católica, Vera Triunpho, denunciou ontem que “para a construção do Memorial dos 500 anos de evangelização, onde será realizada a cerimônia de outubro de 1992, o governo da República Dominicana está desalojando 10 mil favelados”. Por considerarem que nestes 500 anos de evangelização os índios e negros foram dizimados e tiveram suas culturas e tradições destruídas pelos brancos, lideranças das duas raças estão se mobilizando, visando à realização de uma sé-

rie de atos de protesto contra a comemoração.

“Só no Brasil existiam 5 milhões de índios, hoje restam menos de 120 mil. Do nosso povo caingangue, havia 500 mil, hoje sobram apenas 15 mil”, lembrou o índio Dokfny, um dos líderes caingangues que participou do encontro de ontem. Após a reunião, ele revelou que ficou decidida a luta pela reativação de suas tradições. Uma delas será a de reviver a Festa do Kiki, buscando junto às lideranças mais idosas os detalhes de uma comemoração não realizada há muitos anos.

A reativação de suas culturas e religiões foi uma das decisões do encontro de ontem, ao mesmo tempo em que seus participantes denunciaram “a discriminação, o racismo dos governos brancos, com o apoio da Igreja Católica, contra índios e negros. No seu papel evangelizador, a Igreja Católica nunca esteve ao lado dos escravos, só dos senhores brancos. Nunca houve um missionário em prol do negro”, frisou o frei capuchinho, negro, Jorge Manuel Adão.